

AS DIFERENTES OCORRÊNCIAS DE /T/ ENTRE O INGLÊS BRITÂNICO E O INGLÊS NORTE-AMERICANO: UM ESTUDO PILOTO

Mariana de Carvalho MOREIRA
Maria Paula Cardeliquio ORFANELLI
Orientador: Plínio Almeida Barbosa

RESUMO: Segundo Gomez (2009), o inglês padrão americano possui seis formas diferentes de pronúncia do t. A maior parte dessas pronúncias também é encontrada no inglês britânico. Este trabalho se prestou a fazer uma análise piloto das diferentes ocorrências do fonema /t/ nos dialetos do inglês britânico e norte-americano, utilizando como corpora vídeos de declamação do poema “The Raven” de Edgar Allan Poe por dois falantes nativos de inglês britânico e dois falantes nativos de inglês norte-americano. Concluiu-se que o uso da oclusiva apresenta diferença significativa em relação aos dialetos com interação em relação aos contexto intervocálico e vogal + nasal; já a ocorrência do rótico apresenta uma diferença significativa entre os dialetos. Os resultados mostraram que não houve diferença estatística relevante entre as proporções de uso da pronúncia glotalizada nos dois dialetos.

Palavras-chave: fonética; fonética instrumental; inglês americano; inglês britânico; variação dialetal

1. Introdução

A língua inglesa é falada em diversos territórios ao redor do globo, o que resulta em uma grande variedade de sotaques diferentes. As diferenças entre essas variedades são amplamente citadas e comentadas pelos falantes, tanto nativos quanto estudantes de inglês como segunda língua, sendo que as duas mais conhecidas são a do inglês americano padrão e o inglês britânico padrão. Essas variedades na fala podem ser confusas para os estudantes e resultam em sotaques misturados entre o inglês americano e o britânico (Gomez, 2009).

Uma diferença bastante notada entre o inglês americano e o britânico é a pronúncia da letra “t”, que chega a gerar comentários jocosos na internet, como mostram as imagens abaixo, retiradas de uma conta do Instagram destinada ao humor “linguístico”:



Figura 1: Posts do instagram sobre a pronúncia britânica do t.

Como podemos ver nas imagens acima, a pronúncia do “t” de forma diferente pelos britânicos é claramente audível, portanto esse trabalho busca estudar as variáveis acústicas que

resultam nessas diferentes pronúncias por falantes americanos e britânicos, a fim de estabelecer em que frequência cada alternativa de pronúncia tende a ocorrer em cada um dos dialetos.

2. Embasamento teórico

Segundo Gomez (2009), o inglês padrão americano possui seis formas diferentes de pronúncia do t. A maior parte dessas pronúncias também é encontrada no inglês britânico, porém, quando o t é intervocálico e a primeira vogal é tônica, o som oclusivo pode ser substituído pelo tepe alveolar [ɾ] apenas na variedade americana, como ocorre na palavra ‘*visitor*’. Já os sons aspirados [t^h], que ocorrem no início da palavra ou no início da sílaba tônica estão presentes apenas na variedade britânica como alofone de /t/, como na palavra ‘*titan*’; e o som não aspirado [t], em sílabas não tônicas e no fim da sílaba ocorrem tanto na variedade americana quanto na britânica. Esse último som pode ser substituído por uma oclusiva glotal [ʔ] no fim das palavras ou na sequência [t + vogal + n], como na palavra ‘*forgotten*’; a oclusiva glotalizada [t̚] pode ser encontrada nos mesmos contextos. Por fim, em sequências de [nt], o t pode ser omitido em algumas variedades do inglês americano.

Segundo Barbosa e Madureira (2015), as oclusivas possuem três fases: a fase de constrição, seguida da soltura da constrição, que produz um ruído semelhante as fricativas no respectivo ponto de articulação, e a transição para a vogal seguinte que pode ser observada pelos efeitos causados nas extremidades dos formantes

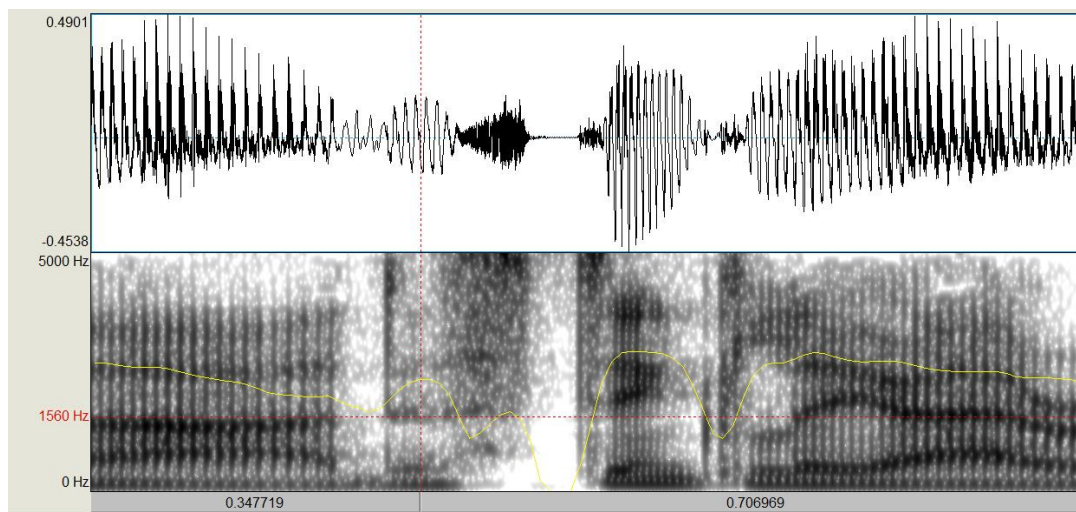


Figura 2: Espectrograma de banda larga mostrando a realização do [t] alveolar, desde seu início até a fase de plosão e de transição para a vogal, a partir da pronúncia britânica da palavra 'distinctly'. Produção retirada do vídeo “The Raven Read By Christopher Lee”.

Junto do [t], a pronúncia britânica conta muito sua versão mais aspirada, em que o momento de plosão passa por maior turbulência entre os tratos, o que gera a aspiração:

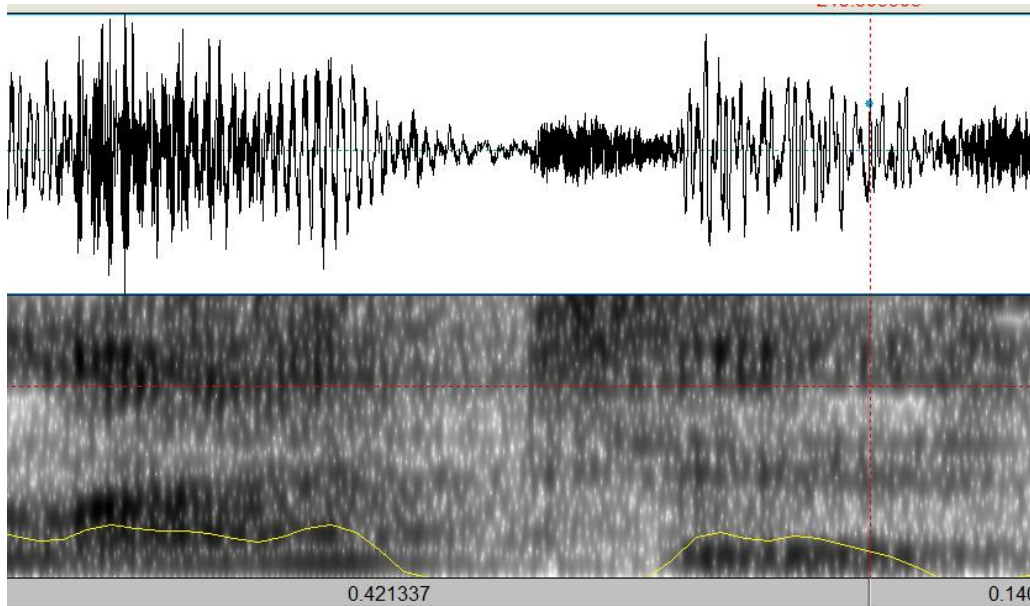


Figura 3: Espectrograma de banda larga mostrando a realização do [tʰ] na pronúncia britânica na qual está marcado apenas o momento de soltura, para destacar o efeito da aspiração na plosão, a partir da pronúncia da palavra 'lattice'. Produção retirada do vídeo "The Raven Read By Neil Gaiman".

Quando se trata da realização glotal do [t], em que o ponto de articulação se posterioriza até a glote onde passa a ser a constrição, é possível observar um afastamento das estrias verticais no espectrograma de banda larga, como podemos observar na figura abaixo, retirada de Cole et. al. (2006).

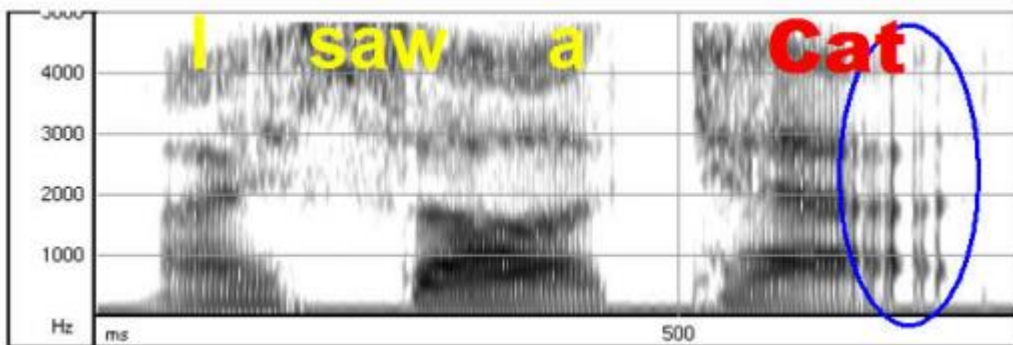


Figura 3: Espectrograma de banda larga mostrando a realização do [t] como uma oclusiva glotal [ʔ] na frase "I saw a cat".

E, por fim, o tepe, por ocorrer através de um momentâneo batimento do articulador articulador passivo, o que impede a passagem de ar por um instante ainda menor que o que acontece nas oclusivas, se caracteriza por possuir uma duração bastante curta (marcada pela região mais clara entre as duas vogais que o envolvem) e por puxar o F2 e F3 das vogais vizinhas para cima, além de ser audivelmente distinto das plosivas:

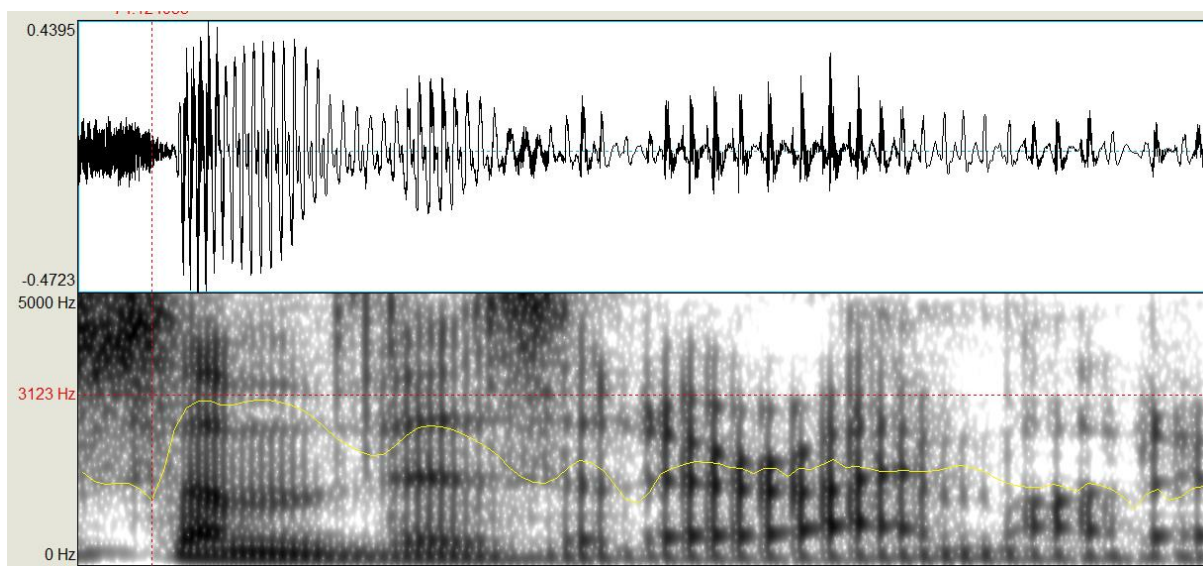


Figura 4: Espectrograma de banda larga mostrando a realização do /t/ intervocálico /r/ tepe na palavra “visitor” no dialeto do inglês norte-americano. Produção retirada do vídeo “Hank Green reads The Raven by Edgar Allan Poe”.

3. Metodologia

O corpus utilizado para o presente estudo foi coletado a partir de declamações do poema “The Raven”, de Edgar Allan Poe (1845), feitas por dois falantes de inglês norte-americano e por dois falantes da variante britânica. A escolha por uma declamação de poema foi feita para que se tivesse maior controle quanto ao contexto fônico (na própria palavra e entre as palavras), à prática oratória dos falantes (são pessoas acostumadas e adaptadas para falar em público) e a entoação (todos estão submetidos ao mesmo gênero textual que exige determinado ritmo prosódico). Os vídeos foram retirados da plataforma do YouTube e os áudios foram convertidos para o modelo .wav para serem analisados no aplicativo PRAAT posteriormente.

Assim foram definidas as quatro variáveis independentes: sujeito, nacionalidade, palavra e contexto fônico. Como os fonemas a serem analisados são diferentes ocorrências de /t/ a partir dos dialetos britânico e norte-americano e o objetivo é estudar a diferença de pronúncia através da proporcionalidade de ocorrência, a variável dependente selecionada é a frequência da ocorrência de cada forma do /t/: como uma oclusiva (podendo ser tanto [t] quanto sua versão mais aspirada), como um tepe alveolar ou como uma oclusiva glotal. Desse modo, as variáveis definidas foram distribuídas numa tabela da seguinte forma: SUJ (Hank, Lee, Jones e Neil), para cada sujeito; NAC, para a nacionalidade (britânico ou norte-americano), PALAVRA, para cada palavra selecionada que contém o contexto fônico que nos interessa; CONT. FON., para a especificação do contexto fônico (intervocálico, final e /t/ seguido de vogal + nasal); e T, a variável dependente (dividida em oclusiva, tepe e glotal).

Através do aplicativo PRAAT, foi possível visualizar a ocorrência do /t/ em cada contexto e em cada falante pelo espectrograma de banda larga. Para a ocorrência da oclusiva [t] na posição de /t/, foram observados a constrição que precede a soltura e o VOT presente nesse tipo de articulação; para o tepe, foi observada a queda brusca, porém curta, de energia e subida de F2 e F3 da vogal antecedente e da vogal posterior; para a pronúncia glotalizada, são os afastamentos das estrias que são considerados. No total, foram 36 palavras analisadas com diferentes ocorrências, em diferentes contextos fônicos, para cada participante.

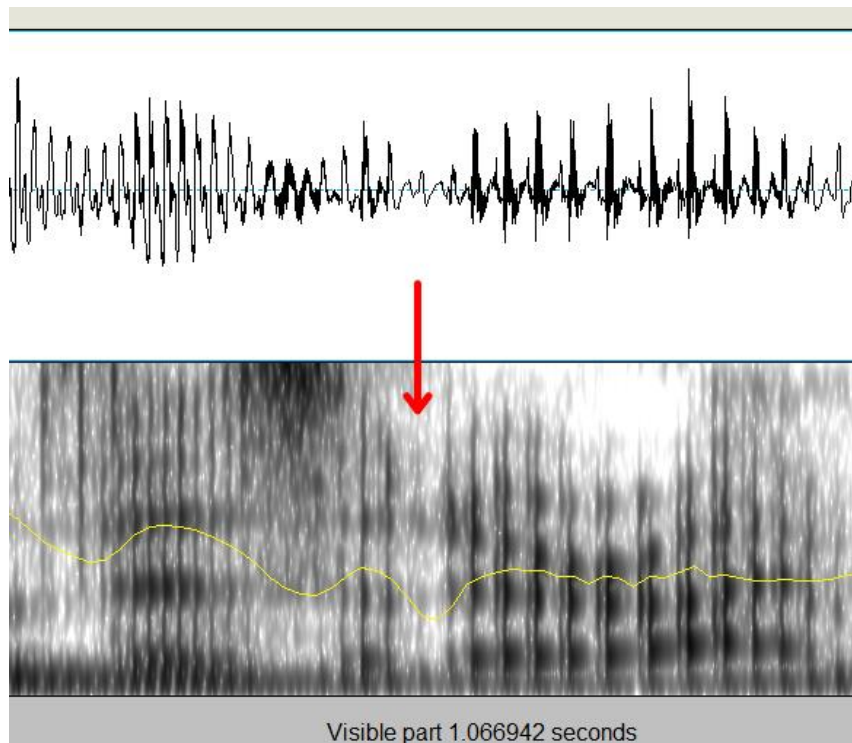


Figura 5: Captura de Tela que apresenta o aplicativo PRAAT com a marcação de um rótico tepe realizado no dialeto do inglês norte-americano na palavra “visitor” a partir de um espectrograma de banda larga.

A análise escolhida para trabalhar com os dados em questão foi o modelo de Regressão Logística, que permite estudar variáveis categóricas, permitindo observar se as proporções são as mesmas estatisticamente dentre as amostras apresentadas (no caso, as amostras em questão são duas: o dialeto britânico e o dialeto estadunidense). Para isso, as tabelas precisaram ser formuladas para cada ocorrência de /t/ (oclusiva alveolar, rótico tepe ou /t/ glotal); as colunas foram divididas entre: dialeto, contexto fônico, número de palavras com aquela ocorrência naquele contexto e número total de palavras com aquela ocorrência.

4. Resultados

A partir dos 72 dados coletados para cada dialeto, a análise foi realizada através de Regressão Logística, com $\alpha = 0.05$. A hipótese alternativa é de que há diferença significativa entre as proporções das ocorrências de /t/, de tepe e de oclusiva /t/ glotalizada com relação aos dialetos norte-americano e britânico. A partir da análise estatística realizada para cada ocorrência, os resultados de p-value em relação ao tepe alveolar foi de p-value = 0.00012, logo, a hipótese alternativa pode ser considerada, já que esse valor de p determina que há uma diferença significativa entre as proporções de ocorrência nos dialetos britânico e norte-americano. É preciso voltar à tabela de dados para inferir qual dialeto tem maior proporção de realização:

Dialeto	Cont.Fôn.	Nº tepes
Americano	VN	21
Americano	VV	17
Americano	F	0
Britânico	VN	0
Britânico	VV	0
Britânico	F	1

Figura 6: Tabela de dados correspondente à ocorrência de tepe nos três contextos fônicos analisados em comparação com o total de ocorrências.

A partir da tabela, fica evidente aquilo que se observou nos resultados estatísticos: há uma diferença significativa de ocorrência entre os dialetos, e o americano é o que mais realiza o tepe. Os contextos fônicos VV (intervocálico) e VN (/t/ + vogal + nasal) não diferem estatisticamente entre si no caso do tepe, mas diferem de F (realização no final da palavra), já que o tepe ocorreu apenas uma vez no contexto final da palavra e ocorre com maior abundância em outros contextos.

Quanto à ocorrência das oclusivas, a análise de dados através de Regressão Logística apresentou o valor de p igual a 0.00179, apontando que há diferença significativa dessa ocorrência entre os dialetos selecionados. Através da tabela de dados pode-se observar qual é a variante que mais realiza o [t]:

Dialeto	Cont.Fôn.	Nº oclusivas
Americano	VN	5
Americano	VV	7
Americano	F	21
Britânico	VN	24
Britânico	VV	24
Britânico	F	12

Figura 7: Tabela de dados correspondente à ocorrência de oclusiva nos três contextos fônicos analisados em comparação com o total de ocorrências.

Porém, no caso acima ocorre a interação entre nacionalidade e contexto fônico. O contexto VN do dialeto britânico difere do mesmo contexto para o dialeto americano ($p = 8.3e-05$) e o contexto VV britânico também difere do mesmo contexto na fala americana ($p = 0.000290$). Como podemos observar na tabela acima, os britânicos fazem uma maior realização da oclusiva alveolar é bem maior entre os britânicos nesses contextos. Ao observar o contexto final, podemos ver que, ambos os dialetos, apresentam um número significativo de ocorrências com diferenças estatisticamente (segundo a análise feita no R) insignificantes, ao contrário dos dados dos outros contextos que, logo na tabela, se mostram bem contrastivos ao comparar os dialetos.

Quanto à ocorrência glotalizada, considerada característica da pronúncia britânica, o valor de $p = 1.000$ indica que as diferenças são insignificantes estatisticamente. A baixa ocorrência em ambos os dialetos pode ter influência nesse resultado:

Dialeto	Cont.Fôn.	Nº glotais
Americano	VN	0
Americano	VV	0
Americano	F	0
Britânico	VN	2
Britânico	VV	0
Britânico	F	4

Figura 8: Tabela de dados correspondente à ocorrência de oclusiva glotalizada nos três contextos fônicos analisados em comparação com o total de ocorrências.

5. Conclusão

A hipótese determinada para esse estudo era que haveria uma diferença significativa entre as proporções das ocorrências da oclusiva alveolar surda, o rótico tepe e a oclusiva glotalizada nos dialetos norte-americano e britânico. A partir dos dados analisados através de Regressão Logística, foi possível concluir que o uso oclusiva apresenta diferença significativa em relação aos dialetos com interação em relação aos contexto VV e VN; já a ocorrência do rótico apresenta uma diferença significativa entre os dialetos e, separadamente um diferença significativa entre o contexto final e os demais, já que o rótico raramente ocorre em posição final.

O resultado que mais chamou a atenção, no entanto, foi o que diz respeito à pronúncia glotalizada: apesar do estereótipo sobre os britânicos “comerem” o /t/ na pronúncia (como ficou ilustrado através do “meme” postado por um perfil do Instagram), os resultados mostraram que não houve diferença estatística relevante entre as proporções de uso nos dois dialetos. É possível considerar esse resultado como consequência do pouco número de dados que contém essa realização, logo, esse estudo piloto é passível de ser ampliado para uma investigação com uma maior quantidade de sujeitos e diferente metodologia de coleta de dados para que a investigação a respeito da realização do /t/ glotalizado seja mais aprofundada.

Referências

- BARBOSA P. A., MADUREIRA, S. Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português. São Paulo: Cortez, 2015.
- GÓMEZ, P. British and American English Pronunciation Differences. Cambridge: Mayflower Press, 2009.
- KajiCarson. *The Raven - Read by Christopher Lee*. 2009. (10m14s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MyxsPHWSxLY>>. Acesso em: 26/12/2020.
- POETICA, Ours. *Hank Green reads “The Raven”*. 2019. (09m07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4TaGRUMteWI>>. Acesso em: 26/12/2020.
- BeyondTheDarkness09. *Edgar Allan Poe -The Raven - Read by James Earl Jones*. 2010. (08m18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WcqPOXqQXzI&t=43s>>. Acesso em: 26/12/2020.
- GAIMAN, Neil. *The Raven by Edgar Allan Poe, read by Neil Gaiman*. 2016. (09m35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2jSHKpp-66w&t=100s>>. Acesso em: 26/12/2020.

@the.language.nerds . “Everyone: I’m British. British Person: I’m Bri ish”. Instagram, 18 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJGrK44o-9v/>> . Acesso em: 26/12/2020.

@the.language.nerds . “Bri ish people don’t pronounce the “t” because they drank it all.”. Instagram, 22 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHuxR2thzlp/>> . Acesso em: 26/12/2020.

ANEXOS

The Raven

BY EDGAR ALLAN POE

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of forgotten¹ lore—

While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.

“’Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door—
Only this and nothing more.”

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow;—vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow—sorrow for the lost Lenore—
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore—
Nameless here for evermore.

And the silken, sad, uncertain rustling of each purple curtain
Thrilled me—filled me with fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating
“’Tis some visitor entreating entrance at my chamber door—
Some late visitor entreating entrance at my chamber door;—
This it is and nothing more.”

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,
“Sir,” said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;
But the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you”—here I opened wide the door;—
Darkness there and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortal ever dared to dream before;
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,
And the only word there spoken was the whispered word, “Lenore?”
This I whispered, and an echo murmured back the word, “Lenore!”—
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,
Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.
“Surely,” said I, “surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore—
Let my heart be still a moment and this mystery explore;—
’Tis the wind and nothing more!”

¹ Código de cores: amarelo - contexto intervocálico; azul ciano - /t/ + vogal + consoante nasal; verde - contexto final.

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore;
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;
But, with mien of lord or lady, perched above my chamber door—
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door—
Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
“Though thy crest be shorn and shaven, thou,” I said, “art sure no craven,
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the Nightly shore—
Tell me what thy lordly name is on the Night’s Plutonian shore!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning—little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door—
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,
With such name as “Nevermore.”

But the Raven, sitting lonely on the placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing farther then he uttered—not a feather then he fluttered—
Till I scarcely more than muttered “Other friends have flown before—
On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before.”
Then the bird said “Nevermore.”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,
“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store
Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
Followed fast and followed faster till his songs one burden bore—
Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore
Of ‘Never—nevermore’.”

But the Raven still beguiling all my fancy into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird, and bust and door;
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore—
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking “Nevermore.”

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl whose fiery eyes now burned into my bosom’s core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion’s velvet lining that the lamp-light gloated o’er,
But whose velvet-violet lining with the lamp-light gloating o’er,
She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer
Swung by Seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.

“Wretch,” I cried, “thy God hath lent thee—by these angels he hath sent thee
Respite—respite and nepenthe from thy memories of Lenore;
Quaff, oh quaff this kind nepenthe and forget this lost Lenore!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!—
Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,
Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted—
On this home by Horror haunted—tell me truly, I implore—
Is there—is there balm in Gilead?—tell me—tell me, I implore!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Prophet!” said I, “thing of evil!—prophet still, if bird or devil!
By that Heaven that bends above us—by that God we both adore—
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore—
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.”
Quoth the Raven “Nevermore.”

“Be that word our sign of parting, bird or fiend!” I shrieked, upstarting—
“Get thee back into the tempest and the Night’s Plutonian shore!
Leave no black plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
Leave my loneliness unbroken!—quit the bust above my door!
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!”
Quoth the Raven “Nevermore.”

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon’s that is dreaming,
And the lamp-light o’er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted—nevermore!

POE, Edgar Allan. The Raven. Disponível em:

<https://www.poetryfoundation.org/poems/48860/the-raven>. Acesso em: 26 dez. 2020.